

RELATO

## **O escritor com deficiência e as feiras literárias: programação de acessibilidade e inclusão**

The writer with disabilities and literary fairs: accessibility and inclusion programming

**Tiago Correia**

Universidade Federal da Bahia

Salvador, BA, Brasil

tiagoemtese@hotmail.com

orcid

*Recebido em: 5 de setembro de 2023*

*Aceito em: 5 de outubro de 2023*

Há quase dez anos publiquei meu primeiro livro de poesia. Antes dele, já havia participado de antologias literárias, e até fui homenageado em uma delas. Além disso, alimentava constantemente um blog literário que era bem visitado e com alguns leitores assíduos.

Em 2012, ao decidir ser escritor, compreendi que o curso de letras seria uma oportunidade de aperfeiçoamento da escrita e aquisição de conhecimentos técnicos e participações em discussões acadêmicas com vertente à literatura. Assim ingressei no primeiro semestre de 2013 no curso de Letras Vernáculas, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Lá, cinco anos mais tarde, fui aprovado no mestrado e me tornei o único estudante com deficiência da Pós-Graduação do Programa de Literatura e Cultura (PPGLitCult), assim como, me mantenho até os dias atuais, enquanto curso o doutorado.

O ingresso em Letras me levou a frequentar espaços de trocas literárias para além da Universidade. Na Bahia, o município de Cachoeira, talvez seja a pioneira na realização de Feira Literária. A FLICA (Feira Internacional de Literatura de Cachoeira), acontece no berço da cultura, história, literatura e arquitetura da Bahia. Reconhecida como cidade heroica na luta por Independência do Brasil, na Bahia, a cidade é símbolo de resistência do povo do recôncavo baiano.

A FLICA despertou no cenário da literatura baiana a necessidade da realização de outras feiras, uma vez que elas possibilitam encontros e reconhecimentos de escritores e leitores, mas também movimenta a economia através das produções artística e de serviço das regiões.

Com o passar dos anos, hoje a FLICA é uma das mais importantes feiras de literatura do Brasil, marcada por presença ilustres como Julián Fuks, Ricardo Aleixo, Denise Carroscosa, Silviano Santiago, Ana Maria Gonçalves, Antônio Torres, Conceição Evaristo, Livia Natália, Florentina Souza, Mônica Menezes, Valter Hugo Mãe, Djamila Ribeiro, Matheus Peleteiro, Elisa Lucinda, entre outros. Além disso, bonitas homenagens prestadas para nomes consagrados escritores da literatura nacional, tal como Conceição Evaristo, Glaucia Lemos, Mãe Stella de Oxóssi, Ruy Espinheira Filho, entre outros.

Sempre acompanhei atento as realizações das feiras e suas programações. Por exemplo, no momento em que escrevo esse texto, ocorre a Feira Literária de Mucugê, na Chapada Diamantina. Assim como acabou de acontecer no último fim de semana a FLIPELO (Feira Literária do Pelourinho), na cidade de Salvador, a qual fui convidado. Dessa experiência, nasce esse relato, que é o resultado de um texto de três páginas que escrevi para ser lido no tempo e espaço que me foi reservado, no dia 10 de agosto de 2023, às 10 horas da manhã, numa programação da FLIPELO chamada de “Acessibilidade e Inclusão”, na qual algumas atividades traziam nomes de pessoas com deficiência e/ou oficinas, shows e palestras voltadas à temática da deficiência.

Primeiramente, é importante situar a geografia do bairro que acontece essa feira. O Pelourinho faz parte do perímetro urbano que compõem os bairros históricos da cidade de Salvador. É conhecidíssimo por suas ladeiras acentuadas e de chão de pedra do período da colonização do Brasil. Além disso, os casarões antigos que compõem a arquitetura do bairro não possibilitam nenhuma ou quase nenhuma acessibilidade física, pois são construções tombadas como patrimônio histórico, e não podem sofrer modificações estruturais.

Desse modo, qualquer programação voltada à pessoa com deficiência vai ser confrontada, imediatamente, com as barreiras físicas dos prédios e calçadas, dificultando e/ou invisibilizando a presença de corpos com deficiência nesses espaços. Daí, a necessidade de pensar uma programação que possa acontecer em espaços em consonância com o que prevê na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

Talvez, a organização da feira tenha até tentando, quando montou um toldo com uma faixa escrita “acessibilidade”, no meio da praça do Terreiro de Jesus, único terreno plano do Pelourinho. No entanto, nesse toldo nenhuma programação literária ou cultural aconteceu, apenas algumas mesas brancas com cadeiras e funcionários [do evento] sentados, ou usado guarda-chuva para se proteger da chuva que fez presença em vários dias do evento.

Nos últimos anos, comecei a visualizar inúmeros amigos e colegas que comigo se graduaram, que cursaram mestrado ou que construí amizades em redes sociais, serem convidados a participar das feiras enquanto escritores. Comecei a

autoquestionar: por qual razão as feiras literárias não convidam pessoas como eu, escritor - com deficiência.

Há alguns anos atrás, ministrei uma palestra em um evento na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e também compartilhei da mesma discussão em algumas lives durante o período da pandemia, sempre questionando: O escritor com deficiência tem representatividade na literatura?

Nas conferências, confessava que aquele texto, assim como esse, havia nascido de incômodos, de ausências, de falta de representatividade e dos silenciamentos que colocam sobre nós. Há pouco, questionei em um dos meus capítulos de tese de doutoramento, que a pergunta da teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak realizada sobre o subalterno, em seu consagrado “Pode o Subalterno falar?” (2015), pode ser reformulado para – Quando vão escutar os subalternos?

Sinto que esses incômodos que me foram crescendo, hoje começam a produzir um vômito sobre os silenciamentos e as invisibilidades que todo o coletivo da deficiência ainda é submetido. Sei que venho em passos miúdos, mas não mais me calo, hoje questiono os silencializadores. Assim, acredito que fiz ao meu convite à Feira Literária do Pelourinho – FLICA.

Antes disso, decidi questionar em todas as publicações de anúncio de datas das feiras literárias na Bahia, e suas respectivas programações, se elas teriam escritores com deficiência. A FLIPELO foi a primeira entre elas a me responder, mas após muita insistência. Solicitaram o envio de um resumo sobre a minha biografia e o release do meu novo livro de poesia, “Cuidado com quem te ama”, à época em Prelo, editada pela premiada Editora Mondrongo.

Vejo a necessidade de ressaltar de que em nenhum momento perguntei: Haverá na feira literária algum escritor para falar sobre acessibilidade-inclusão-deficiência?! Questionei, sim, se haveria em suas feiras corpos com deficiência participando como escritor e ponto.

Mas não quiseram compreender dessa forma. Por essa razão, escrevi o texto que se sucede abaixo, e que foi encorajado diante da violência sofrida pela convidada que compôs a mesa comigo.

A nossa mesa “Escritores e suas diversidades literárias”, aconteceu na Fundação Casa de Jorge Amado, no Pelourinho. Apesar de ter um elevador para acesso ao café e demais andares, ele não viabiliza acesso ao palco que nos foi reservado. Diante disso, a equipe da feira literária, que estava dentro da programação de acessibilidade e inclusão, deu-se ao direito de remover a convidada de sua cadeira de rodas para coloca-la em uma das poltronas, no palco. Percebendo que seria muito incômodo, a convidada pediu que trouxessem sua cadeira rodas para o palco para poder nela sentar.

Ela, uma mulher de quase meia idade, que possui a síndrome conhecida como “ossos de vidro”, mais tarde, em entrevista para um jornal local da cidade, confessou que já tinha o histórico de mais de 100 fraturas. O que aconteceu na remoção da cadeira de rodas da convidada, para além de um despreparo para receber numa programação que se publicizou como “acessibilidade e inclusão”, nas redes sociais da Feira Literária do Pelourinho, FLIPELO, foi o cometimento de uma violência à pessoa com deficiência. Capacitismo. Não há outra palavra para isso.

Diante disso, e de todas as outras observações que já vinha fazendo sobre os vacilos da curadoria, escrevi um texto, que alguns amigos disseram ser uma espécie de manifesto. Não sei se o devo considerar nessa categoria. Irei compartilhá-lo com alguns pequenos ajustes que acreditei necessários para caber aqui neste relato:

\*\*\*\*\*

**Salvador, 10 de agosto de 2023**

**Bom dia para todos e todas.**

Preparei esse texto para iniciar a minha fala trazendo algumas questões as quais considero muito importante e, por essa razão, organizei-as aqui. Agradeço a curadoria da FLIPELO pelo convite, que é honroso e inaugura a minha participação em uma feira literária dessa categoria.

Estou aqui para falar de literatura, matéria da qual me nutre e que para ela, dedico parte de minha vida.

Compor a lista de convidados dessa feira, que é a festa da literatura, na capital de Salvador, no bairro histórico do Pelourinho, na casa que leva o nome de um dos maiores escritores de nosso país, Jorge Amado, e no dia de seu aniversário, é realmente um aporte para encontros com muitas bahias, de encontros com muitas Salvador's: alta, baixa, velha e nova, periférica, orla, Suburbana, Complexos, Barra-Ondina, Candeal, Jardim Nova Esperança (de onde venho), Estrada Velha do Aeroporto (EVA), Corredor da Vitória.

Muitas cidades! Muitos saberes! Muitas histórias para ouvir, contar e escrever!

Estamos reunidos para encontros com profissionais das palavras, é um encontro para ouvir a palavra. São tantas formas de conduzi-lá e mostra-lás.

Estamos com escritores, escritoras, leitores e leitoras que encontram na literatura uma forma de vida. Também estamos promovendo uma festa aberta a descobertas do novo, dos novos escritores, novos leitores. E que logo descobrirão na literatura suas inúmeras possibilidades de estar e existir. Antônio Candido, acadêmico e crítico literário, diz em seus textos que a literatura deveria ser um direito fundamental para todas as pessoas. Literatura como Direito!

Estamos também com pessoas estudiosas da literatura, no emprego academicista da palavra, professores que dedicam as suas vidas para estudar nossas obras em anos de graduação, mestrado e doutorado. A partir de um pensar a literatura como documento da memória cultural, representação literária, como formas de tradução da literatura. Para poder pensar as formas, para pensar as linguagens, as teorias literárias. Professores que dedicam as suas vidas para tornar-se, cada dia mais, leitores atentos ao tempo, leitores daquilo que vacila na linguagem...

Já estive em todos esses lugares de leitores. Já fui o leitor iniciante, já fui o leitor que descobriu na literatura uma outra possibilidade de vida – e desse nunca quero me desvencilhar.

Mas, assim como inúmeros escritores, professores que aqui já estiveram em anos passados como convidados ou que estão nesse ano, aqueles que estarão nos próximos,

também sou o leitor que dedica há anos parte de sua vida a pensar, discutir, a escrever e desenvolver, através de pesquisas científicas que já concretizaram em artigos, apresentações no Brasil e exterior. E que além disso, já elaborou uma dissertação para o título de mestre, e que nesses últimos anos, desenvolve uma tese para ser defendida no próximo ano.

Mas nesse momento, estou convidado para o espaço de “acessibilidade e inclusão”, dentro dessa grande Feira Literária. A mesa de bate-papo e lançamento de livro, de título “Escritores e sua diversidade literária”, faz parte desse espaço na programação.

Fazemos parte, Glady Maria, querida companheira, de uma programação em que me faz refletir o quanto ainda precisamos avançar para que uma efetiva equidade seja conquistada, pois o apagamento do nome de uma cantora autista convidada para o encerramento desse mesmo evento, gerou comentário na página oficial da FLIPELO pela seguidora Cecilia Silva:

*- A cantora autista não tem nome?*

A programação da feira que é linda, cheia de temas interessantes e curiosos, reservou para nós, escritores baianos (com deficiência), um espaço de “acessibilidade e inclusão”.

Para os grupos minoritários, os estereótipos sempre chegam antes deles – de nós. A Deficiência chegou aqui primeiro. Chegou no cartaz de divulgação da feira. A Deficiência chegou antes mesmo do meu curriculum. Curriculum este que é similar, igual ou até maior de que inúmeros outros convidados aqui presentes.

Mas não é só aqui que a deficiência chega/ou primeiro. É assim todos os dias. E ainda nos perguntam: ***qual problema você tem?!***

Não! O Problema não é meu, é de uma estrutura social que coloca – sempre – a deficiência antes de qualquer outra possibilidade que eu possa ser.

Esse espaço é importantíssimo para todos nós, mas não nos foi perguntado se desejávamos estar na feira sem a necessidade de decalcar a nossa deficiência.

Há anos reduzem nossas vidas, as nossas necessidades às questões de acessibilidade e inclusão. Nós, pessoas com deficiência, somos pessoas com potência.

A deficiência é apenas uma de nossas muitas características!

A deficiência é criada pela sociedade que organizou um único modo de estar no mundo. A deficiência é fomentada pelos governos, pelas políticas públicas incapazes de nos possibilitar plenitude, pelo olhar que nos reduz, que invisibiliza nossas vidas, nossos corpos, nossas histórias.

Compreendo que a nossa presença na Feira marca a existência de nossa literatura, mas o uso de termos “acessibilidade” e “inclusão”, empobrece a programação. Daí faço uma analogia a um dos poemas de Manoel de Barros, quando é revelado para uma criança que – *a cobra de vidro que passava atrás de sua casa, era uma ENSEADA. E não a imagem de cobra de vidro...*

Por qual razão não fomos incluídos na Feira em mesas que pudéssemos discutir literatura sem o recorte específico da acessibilidade e inclusão.

Só somos acessibilidade e inclusão? Não é necessário nos responder que não somos, pois sempre soubemos disso.

Para finalizar, gostarei de agradecer os instantes de atenção, mas é necessário e urgente, cada dia mais, reelaborar novas formas de pensar e desconstruir os estigmas, os estereótipos que reduzem pessoas com deficiência.

Precisamos, cada dia mais, ter pessoas com deficiência nos espaços de poder, de criação, de elaboração de políticas, de curadoria de eventos como esse. Precisamos ter pessoas com deficiência para criarmos uma sociedade em que as diferenças não sejam sobressaltos com piedade, infantilização e caridade...

Entendo que esse é um movimento da FLIPELO tentar acertar o passo, incluído em sua programação nossos corpos, nossas literaturas, nossas vozes... reconhecendo nossas existências. Mas reitero que ainda há um longo percurso para ser trilhado para que a diversidade se concretize de uma maneira orgânica, com suas múltiplas diferenças, reconhecidas e em diálogos como P O T Ê N C I A.

**SOMOS MUITOS E DIFERENTES!**